

# Sul 1

Jorge O. S. Silva



O Prémio Literário Arnaldo França, instituído em parceria pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda e pela Imprensa Nacional de Cabo Verde, tem como propósito a promoção da língua portuguesa e do talento literário em Cabo Verde. Paralelamente, estas duas instituições pretendem homenagear Arnaldo França, destacada figura da literatura e cultura cabo-verdianas, pelo legado que deixou à cultura do seu país e à cultura das letras em língua portuguesa.

**PRÉMIO  
LITERÁRIO  
ARNALDO  
FRANÇA**

Obra distinguida  
com o Prémio Literário  
Arnaldo França  
2020

Imprensa Nacional  
é a marca editorial da **INCM**

**Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.**

Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.impresnanacional.pt](http://www.impresnanacional.pt)  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

© Jorge Octávio Soares Silva  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**TÍTULO**

Sul 1

**AUTOR**

Jorge Octávio Soares Silva

**REVISÃO**

Maria José Godinho

**CAPA**

Rita Múrias

**CONCEÇÃO GRÁFICA**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**IMPRESSÃO E ACABAMENTOS**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**PAGINAÇÃO**

Ana Seromenho

**1.ª EDIÇÃO**

Maior de 2021

ISBN 978-972-27-2918-5

DEPÓSITO LEGAL 482 887/21

EDIÇÃO N.º 1024775



# Sul 1

Jorge O. S. Silva

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

## 1

O *Sofala* banhava o seu bojo no mar calmo da baía do Porto Grande, onde tinha chegado no dia anterior. Depois de ter sido dado na pedra<sup>1</sup>, a sua chegada fora alterada mais duas vezes.

Agora, lá estava fundeado à espera da sua carga humana para depois zarpar a caminho do Sul. A partida de São Vicente estava marcada para o dia seguinte. Um bocadinho de carga que tinha trazido foi logo descarregado no cais da alfândega e, como não tinha nada para receber, além dos contratados e alguns passageiros para Angola e Moçambique, dois dias no porto eram suficientes. Para mais, estava tudo pronto! Eram só as listas de contratados, autenticadas pelas autoridades competentes.

---

<sup>1</sup> Ao tempo havia uma ardósia à frente dos correios que era usada para anotar as chegadas e as partidas de barcos.

Os de Santo Antão e de São Nicolau já tinham chegado. Agora era só conferir a entrada dos de São Vicente no cais da Companhia Nacional, embarcar e arrancar para Praia, onde tomaria os de Santiago, Fogo e Brava.

Lela Baik tinha organizado tudo, até ao mais detalhado pormenor. Decidiu embarcar fugido para Angola nessa viagem e nada o impediria. Inclusive tinha dito ao seu amigo Txida, que estava para ir como comissário dos contratados, qual era a sua intenção.

— E cuidado para não ires com manias de descobrir onde estou porque senão deito-te ao mar, hem! — Tinha prevenido.

Pena era deixar sua mãe, já em idade adiantada e sem ter mais ninguém para cuidar dela. Apesar de que tinha ordeado<sup>2</sup> tudo para o Sr. Benjamim, dono do armazém onde ele trabalhava, dar sempre uma ajudinha que ele, lá de Angola, se Deus quisesse, mandaria alguma coisa, também através dele. Nada de lamentações! Um homem é um homem, um gato é um bicho, como dizia nhô Pascoal Marê d'Ana. O que for soar, arrematava ele quando pensava no que iria ser da velha depois da sua partida.

---

<sup>2</sup> Combinado.

Enquanto isso, Txida, por seu lado, avisava com ar de alguém ciente das suas obrigações:

— Quem for apanhado sem contrato é limpinho: calabouço com ele! *Ka ten remison de pêkód!*<sup>3</sup>

Lela só reclamava perante os amigos e aproveitava quase sempre a presença de Txida para largar as suas piadas, reprovando a sua atitude, mas era contas de nada. Txida justificava que trabalho é trabalho e teria de cumprir o seu dever. Era para isso que estava a ser pago.

— E mais nada! Pronto e acabou-se! — Arrematava quase sempre, com ar despreocupado.

Certa vez estiveram quase a chegar a vias de facto, durante um jogo de loto no Derby. Aquilo já estava demais e, depois de tanto ouvir as piadas de cada um, Lela virou-se para o amigo e disse:

— Mas afinal que raça de homem és? Em vez de deixares um amigo safar-se, vais é persegui-lo? Apetece-me é dar-te uma carga de porrada, para te mostrar!

Entretanto, as vozes faziam-se ouvir de todos os lados, a inferir os dois para a luta. Txida, que não estava interessado naquela briga, porque afinal eles eram amigos e aquela estória era só

---

<sup>3</sup> Não tem arrependimento.

para criar ambiente, virou-se calmamente e saiu, dizendo que depois se veria.

Houve logo críticas a chamá-lo de medroso, que estava a fugir, *ome sen siensa*<sup>4</sup>, enfim, coisas que tinham o fito de o irritar e provocar a briga, para divertimento dos assistentes que viam com aquilo o seu jogo estragado.

Nessa viagem ia muita gente conhecida. Por isso, Lela Baik ficou descontraído porque teria companhia e até poderia aparecer quem o ajudasse a esconder-se nalgum canto! Chegou a um ponto em que já nem sequer pensava mais nos pormenores da viagem. O que for soar! dizia para se descontraír dos pensamentos que lhe vinham à cabeça. O Txida é que poderia ser um perigo, mas se cantasse manias haveria de ver quem era ele! Boas pernas tinha ele de tanto correr bicicleta no chão de Soncente. E força para o agarrar pelo *fundin*<sup>5</sup> e atirar pela borda fora não lhe faltava. E se algum *mundrunquin*<sup>6</sup> cantasse mania era capaz de ir atrás. Nunca se sabe!

Mas as coisas chegaram a um ponto que Lela Baik desapareceu do meio da gente, passando a andar pelas fraldas, por lugares isolados, só para

---

<sup>4</sup> Choramingas.

<sup>5</sup> Fundilhos.

<sup>6</sup> Portuguesinho.



evitar encontrar-se com Txida. Assim era melhor, para evitar terem de se pegar antes de entrarem a bordo. Ainda a polícia poderia intervir e, se se ficasse a saber da coisa, ele é que seria impedido de embarcar. Isso seria um desastre! Ele era homem de palavra e não suportaria que os outros pudessem um dia dizer que ele tinha só garganta. Isso não! Ele havia de embarcar e tinha de ser fugido, custasse o que custasse! Ao princípio até quis apostar com Txida em como nunca poderia apanhá-lo a bordo, mas este não aceitou. Sr. Benjamim quis pagar-lhe a passagem na terceira classe, mas poderiam pensar que ele estava armado em rico. Que desse os cobres à Xenxa, sua mãe, que um dia ele, Lela, haveria de lhe pagar tudo.

Entretanto, não se sabe por que razões, vieram ordens para que Txida fosse preterido em benefício de Emídio Chaves, que era quem indicavam de Lisboa, a conselho das entidades competentes da administração da colónia.

Txida foi de imediato informado pelo angariador que se desfez em desculpas: tinha feito todos os possíveis mas como sabia, ordens são ordens e tinham de ser cumpridas, que ele também era mandado e se não fizesse como tinha sido decidido poderia ser prejudicado. Com todo o à-vontade, Txida foi dizendo também que não se preocupasse porque a vida era assim, nem sempre acontece como

desejamos, que já estava habituado a enfrentar situações dessas, que não levaria a mal e que estava tudo certo.

— Paciência, a vida é assim! O que é que gente pode fazer? Quando não dá, não dá e pronto! — Foi andando pela rua fora falando sozinho mas sem desanimar. A pior coisa que poderá acontecer a um homem é desanimar! Dizia-lhe sempre o pai quando ele ainda era menino e se punha a chorar das pirraças de outros meninos. Nunca se esquecera das palavras do pai: não gosto de menino «piludo»<sup>7</sup>, ouviste? «Piludo», ele? Nem pensar. Ele não era «piludo» e, por isso, aguentava os tormentos de olhos secos. Agora, era preparar para encontrar outra solução porque Soncente não estava nada.

Andou ainda um bocado desentoado até que deu por si a vaguear pela Rua de Coco. Aí decidiu meter-se para a Rua de Praia e ir até ao Figueira dar uma mão de uri<sup>8</sup> para desenfadar. Assim como assim, não estava tudo perdido. Para mais, sabia quem ia como comissário dos contratados e poderia falar com ele. Era moço conhecido e de certeza que não iria negar-se a ajudá-lo. Até porque o lugar era dele.

---

<sup>7</sup> Queixinhas.

<sup>8</sup> Jogo tradicional por toda a África, uma espécie de gamão.

Só que de um momento para o outro inverteram-se os papéis e ele ficou de fora. Falaria com Emídio e as coisas se arranjariam. Apesar de tudo eram amigos e haviam de entender-se. Apenas um jeito de não o denunciar às autoridades e o resto era com ele próprio.

O que era preciso era não dizer nada a ninguém em São Vicente. Nem mesmo em casa. Iria deixar tudo como estava. Até porque só ele e o angariador é que tinham falado e aquele *mundrungin* não era homem de muitas falas. Até parecia que estava sempre a pensar em dinheiro. Talvez o Administrador do Concelho e o capitão dos Portos, por causa dos papéis, pudessem saber alguma coisa. De resto, ninguém iria saber porque não lhes interessavam essas coisas. Boca calada é a chave do coração, costumava dizer-se. Com certeza haveria de encontrar uma solução. Poderia até procurar o seu amigo Lela Baik e combinar com ele e assim eram dois e poderiam apoiar-se um ao outro a bordo. Tudo era possível. O que era preciso era deixar esfriar a cabeça para pensar melhor. Com cabeça quente, raiva e desespero poderiam tomar conta dele e não deixariam encontrar a solução que ele precisava.

Piduka resolveu desaparecer do meio da gente. Ninguém sabia dele. Nem a mulher que, quando ia alguém procurar por ele, respondia sempre da mesma maneira:

## ÍNDICE

1.....	7
2.....	33
3.....	61
4.....	91
5.....	117
6.....	141
7.....	171
8.....	203
9.....	235
10.....	257

Jorge Octávio Soares Silva nasceu a 17 de agosto de 1945 em Mindelo, São Vicente, Cabo Verde. Quando estudante liceal, em Luanda, colaborou na revista *Tan-Tan* de alunos. É membro da AEC – Associação de Escritores Cabo-Verdianos, da SOCA – Sociedade Cabo-Verdiana de Autores e da ACL – Academia Cabo-Verdiana de Letras. Colaborou em vários jornais e revistas, nomeadamente *A Semana*, *Emigrasom*, *Arte e Letra*, *Pré-Textos*, *Echos do Paul*. Publicou um conto infantil, *A Família do Chibim*, em 1995, um romance, *Esquisito*, em 2009, e uma coletânea de *Contos*, em 2013.

ISBN 978-972-27-2918-5



9

789722 729185 5

O livro versa sobre um determinado grupo, numa determinada época, convivendo num determinado ambiente.

Época colonial, em que a população cabo-verdiana era «forçada» a emigrar para Angola e São Tomé – e daí o termo *Sul*, como diziam na época – transportada confinada em porões, para trabalhar em condições adversas, e era forçada a fugir em busca de melhores condições de vida.

Muitas vezes perseguidos, alguns foram parar em partes incertas, perdendo-se nas florestas, indo parar à Zâmbia e a outras paragens. Muitos por lá ficavam e assim se desenvolveram em comunidade.

*Sul 1* é o primeiro de uma série de obras planeadas pelo autor sobre as comunidades que a emigração cabo-verdiana estabeleceu em terras meridionais.



**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L